



GT 59. Mobilidade dos Povos Indígenas: fronteiras, conflitos, diferenças e direitos

Coordenador(es):

Antônio Hilário Aguilera Urquiza (UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

Jorge Eremites de Oliveira (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

Sessão 2 - Povos indígenas, arqueologia e violências

Debatedor/a: Priscila Lini (UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

O GT pretende reunir trabalhos de pesquisadores/as que tenham pesquisa sobre os novos contextos ou cenários de mobilidade dos povos indígenas, entre aldeias, entre fronteiras, ou mesmo para centros urbanos, realidades às vezes produzidas por deslocamentos forçados motivados por grandes empreendimentos, ou histórias de expulsão de seus territórios tradicionais e as tentativas de retorno na atualidade. Conforme dados do (IBGE - 2010) ao redor de um terço da população indígena vive em espaços urbanos, enquanto outra parte vive em áreas de conflito, em acampamentos em margem de rodovias, ou mesmo em áreas tituladas por particulares, na maioria dos casos, em contextos de extrema violência. A mobilidade indígena muitas vezes é forma de resistência a múltiplas formas de violências: territoriais, culturais, políticas, de gênero, dentre outras, às quais os levam a intensa movimentação política com novas posições frente a um Estado usurpador de direitos, ao mesmo tempo em que procuram ocupar novos espaços políticos, como universidades e agências do próprio governo. Assim, este GT pretende reunir pesquisadores/as com afinidade na temática indígena e áreas afins que tragam contribuição para esse debate.

Vocês estão perdidos? Um estudo dos sítios arqueológicos do município de Caracol-Piauí

Autoria: Giovanna Neiva Luz (UFPI - Universidade Federal do Piauí)

Esta pesquisa propõe, por meio de uma revisão bibliográfica, inserir o sítio arqueológico Toca do Baixão do Milho e outros sítios arqueológicos do entorno da cidade de Caracol no seu contexto regional. Para a realização deste work, foi utilizada uma metodologia baseada nos referenciais da literatura arqueológica. O sítio arqueológico Toca do Baixão do Milho é um abrigo rochoso, com pinturas rupestres distribuídas em um paredão com pouco mais de nove metros de comprimento. O sítio em apreço está localizado no Bairro Cearense, próximo à cidade de Caracol, distando desta em torno de 4,5 km. O mesmo foi cadastrado no cadastro nacional de sítios arqueológicos - CNSA, porém não foram encontrados registros de atividades arqueológicas desenvolvidas. A importância deste work envolve a tentativa do resgate de um patrimônio arqueológico que estava oculto à sociedade local. Os objetivos de pesquisar estes sítios e outros no município de Caracol dar-se-á pelo levantamento do contexto ambiental regional, para que seja entendido como um lugar é reconhecido como sítio arqueológico e estimar como este fora escolhido para assentamentos pretéritos de culturas humanas, dando ênfase no sítio Toca do Baixão do Milho, e descrevendo o contexto arqueológico de outros sítios do entorno do município de Caracol, sudeste do Estado do Piauí. A metodologia usada para que o work se desenvolvesse foi primeiramente a busca por um referencial teórico pertinente com a contextualização ambiental e arqueológica, descrevendo os sítios já cadastrados no CNSA e ao fazer o levantamento de alguns sítios busquei a oralidade como auxílio na descrição dos mesmos, no qual obtive resultados parciais para o contexto de três dos sítios arqueológicos estudados em Caracol. Por fim, foi feito o levantamento dos sítios para confirmar os artefatos encontrados foi o levantamento fotográfico dos sítios, no qual usei uma câmera fotográfica profissional e celular LG e com auxílio de fitas métricas e escalas IFRAO,



logo em seguida desenhei o croqui do sítio Toca do Baixão do Milho, o desenho foi feito com as medidas sistemáticas do sítio e a observação o mesmo.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: